

Prefácio

Desde o início dos anos 90, o antropólogo norte-americano Paul Rabinow trabalha com cientistas, técnicos, empresários e governantes envolvidos em projetos biotecnológicos. Atento às possibilidades e aos perigos da presença global norte-americana, Rabinow problematiza a modernização da vida: “Vivemos num momento em que novas práticas sobre o que significa ser *antropos* estão em produção e em circulação.” A antropologia contemporânea, argumenta Rabinow, “precisa criar novas maneiras de se engajar e de analisar os *logoi*, as ciências e compreensões que estão emergindo ao redor do material constitutivo da vida.”

Rabinow concorda com Georges Canguilhem quando diz que a ciência também é cultura e não existe fora de relações de saber e poder; é assim que ela é real, construtiva: “Como é produzido este saber de quem somos como seres vivos? Como é representado e disseminado culturalmente?” Em diálogo com o trabalho de Max Weber e Michel Foucault, Rabinow está interessado em problematizar como verdade e subjetivações se articulam biopoliticamente neste momento do capitalismo.

Rabinow deu início a esta etapa da sua antropologia da razão fazendo pesquisa de campo na Cetus Corporation, uma indústria biotecnológica localizada nos arredores de San Francisco¹. Ele investigou o meio científico, técnico e cultural da invenção específica da Reação em Cadeia da Polimerase (*Polymerase Chain Reaction, PCR*): Em 1989 a PCR foi escolhida pela Revista *Science*

como “A Molécula do Ano.” Em 1993 Kary B. Mullis, o inventor oficial da *PCR*, recebeu o Prêmio Nobel de Química. O que é a *PCR*? Entre outras coisas é uma técnica que permite a identificação de segmentos precisos do DNA e suas multiplicações em milhões de cópias num curto período de tempo. De fato, a *PCR* revolucionou as práticas científicas com o material genético da vida.

Rabinow fez esta investigação tendo em vista o Projeto Genoma, um símbolo do amálgama de aparatos e multiloções da nova genética, biotecnologia e bioética. O Projeto Genoma objetiva mapear “a totalidade do material genético no conjunto de cromossomos de um organismo específico.”² O antropólogo pergunta: “O que é um mapa e quem somos NÓS em ‘nossos’ genes?”³ “É a seqüência do DNA realmente a ‘linguagem da vida’? Testemunhamos uma mudança de época na relação com o mundo? Estamos a ponto de nos tornarmos ‘senhores da vida e da morte’?... Em nome de que ética e política avaliamos estes desenvolvimentos?”⁴

No metade desta década, Rabinow realizou um estudo comparativo sobre como as verdades universais do Projeto Genoma foram trabalhadas no contexto do Centro de Estudos do Poliformismo Humano (*CEPH*) em Paris.⁵ O *CEPH* venceu os americanos na corrida pela produção de um primeiro e bruto mapa físico do Genoma. Este empreendimento científico foi ainda mais espetacular por ter sido financiado por organizações de pacientes. Atualmente Rabinow está envolvido no ‘Projeto Islândia’. O mapeamento total dos genes daquela população está sendo democraticamente levado a cabo através de uma constelação inédita de atores: uma indústria biotecnológica privada, o serviço nacional de saúde pública e companhias multinacionais. “Contradições, desafios, futuros,” diz ele.

Esta vida modernizada extrapola a sociedade como objeto de saber e poder e como categoria para intervenção técnico-política: “no futuro a nova genética deixará de ser uma metáfora biológica para a sociedade moderna e se tornará uma rede de circulação de termos de identidade e lugares de restrição, em torno da qual e através da qual surgirá um tipo verdadeiramente novo de autoprodução; vamos chamá-lo de ‘biosociabilidade’.” Segundo Rabinow, na biosociabilidade a natureza será modelada na cultura compreendida como prática “ela será conhecida e refeita através da técnica; a natureza finalmente se tornará artificial, exatamente como a cultura

se tornou natural.”⁶ O olhar ético de Rabinow percebe esta informação e este mapeamento como vitais, uma vez que os instrumentos também viabilizam intervenções.

Há descontinuidades no trabalho de Paul Rabinow: curiosidade é força motriz. Este nativo de uma cidade-jardim em New York, nascido em 1944, começou a delinear o seu trabalho filosófico e antropológico nos anos 60 na Escola de Altos Estudos em Paris e na Universidade de Chicago, onde fez seus estudos de graduação e doutoramento. Entre 1968 e 1969, Rabinow desenvolveu sua pesquisa de campo no Marrocos sob a supervisão de Clifford Geertz: “Ele exemplificava o que a Acadêmica Americana era capaz de me oferecer e demonstrava claramente que isto em si mesmo não era suficiente. Eu me sentia menos confortável do que Geertz com o *modus vivendi* americano e estava mais interessado do que ele em interfaces culturais.” Sua tese de doutorado *Symbolic domination: Cultural Form and Historical Change in Morocco* (Dominação simbólica: forma cultural e mudança histórica em Marrocos) foi publicada em 1975, com fotografias de Paul Hymen.

Rabinow recusou-se a lidar com a pesquisa de campo como um mero rito de socialização antropológica; ao invés problematizou-a como construção e representação de outra realidade social, bem como a sua própria. Ele concluiu seu livro *Reflections on Fieldwork in Morocco* (Reflexões sobre uma pesquisa de campo no Marrocos) apontando para alteridades não essenciais, historicamente produzidas e parcialmente interconectadas; sugerindo interlocuções possíveis através do reconhecimento de diferenças e uma crítica autorreflexiva dos símbolos da sua própria tradição: “Ao fazer isto, começamos um processo de mudança.”⁷

De passagem, alguns experimentos dúbios na metade dos anos 70 em diálogo com, entre outros, Jean Paul Sartre e Roland Barthes: “ficção, prazer, teatro social, unidade plural, identidade impessoal.”⁸ Inquieto ironizava a pedagogia desconstrutivista que se limitava a repetir o mesmo texto indefinidamente. “Eu argumentaria então que um caminho adiante para a antropologia, além do positi-

vismo, começa através de um olhar para trás em direção às tradições multivocais nas quais estamos inevitavelmente imersos e para frente em direção a novos modos de se relacionar com o mundo social no qual, por bem ou por mal, nos encontramos.”⁹

Em 1978, depois de lecionar na City University em New York, Rabinow assumiu atividade docente na Universidade da Califórnia em Berkeley. O encontro com Michel Foucault em Berkeley entre 1979 e sua morte em 1984 foi “decisivo em muitos registros.” *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, escrito em parceria com o filósofo Hubert Dreyfus, também professor em Berkeley, encetou esta conversa inconclusa.¹⁰ O diálogo com Foucault proveu Rabinow de instrumentos analíticos com os quais o seu próprio trabalho foi ganhando forma, arcabouços das imbricadas relações entre espaço, saber, poder, máquina e sujeito. Na sua penúltima obra, *O Uso dos Prazeres*, Foucault menciona que estes encontros no outro lado da América também o levaram a reformulações teóricas e metodológicas.¹¹

Antropologia da Razão abre com uma entrevista de Rabinow com Foucault, em Berkeley, maio de 1983, *Política da verdade*. Naquela oportunidade, Rabinow questionou Foucault sobre as relações entre ética, política e a genealogia da verdade. Esta e outras entrevistas inéditas com Foucault estão no livro-texto *The Foucault Reader*, publicado em 1984. A seleção de Rabinow, enfatiza as dimensões sociais e políticas do trabalho de Foucault nas quais discursos e práticas se interconectam. O segundo texto desta coletânea, *Sujeito e governamentalidade*, é a introdução de Rabinow ao trabalho intelectual de Foucault, “esquivo e momentaneamente livre.” O terceiro texto, *O que é maturidade? Habermas e Foucault a respeito de ‘O que é iluminismo?’*, foi escrito em 1985 com Hubert Dreyfus.¹² Entre outras coisas, é ressaltado aí o caráter processual e permanente da tarefa iluminista: não desdenhar o presente implica em conhecê-lo detalhadamente, testar seus limites e ir além deles.

Em 1986, Rabinow participou do seminário “Experimentos de Antropologia Contemporânea” que culminou na publicação de *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography* (Escrevendo a cultura: poética e política da etnografia). Este livro, editado por James Clifford e George Marcus, tornou-se pedra de toque da antropologia interpretativa, deslançando uma série de reformula-

ções retóricas da antropologia norte-americana agora como crítica cultural. Em *Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na antropologia*, o quarto texto desta coletânea, Rabinow propõe uma prática de ciência social discursivamente auto-reflexiva e responsabilmente engajada nas políticas da verdade: “Necessitamos... enfatizar aqueles domínios tidos como universais (isto inclui a epistemologia e a economia); mostrá-los o mais possível como sendo historicamente peculiares; mostrar como as suas reivindicações à verdade estão conectadas a práticas sociais e se tornaram portanto forças efetivas no mundo social.”¹³

Em 1987, Rabinow foi professor visitante no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional no Rio de Janeiro, passando também por São Paulo, Salvador e Brasília: “Minha passagem pelo Brasil foi basicamente como turista. De qualquer forma, fiquei com a impressão de uma grande continuidade entre os Estados Unidos e o Brasil como ‘americanos’. Digo isso lembrando os comentários de Lévi-Strauss e Michel de Certeau acerca do Brasil como ‘novo mundo’. Existe similaridade na maneira das pessoas abordarem a natureza e a cultura como sendo maleáveis, vendo o controle e o melhoramento do ambiente como um projeto ainda bastante dinâmico e vivo. O caráter acelerado desta modernidade explicita-se no horror de uma miséria cotidiana onde pessoas e coisas são rapidamente repostas e jogadas no lixo.”¹⁴ Algumas particularidades desta experiência foram anotadas em *A Modern Tour in Brazil*: “Aqui (...) um discurso oficial voa longe do significado ao qual está supostamente ligado. A representação alcançou um alto grau de autonomia no Brasil.”¹⁵

Adiante, Rabinow continuou seus questionamentos, tomando a razão contemporânea como o seu objeto antropológico. Do sentido à verdade. Em 1988, ele sugeriu pensar a *Antropologia como nominalismo*, o quinto texto desta coletânea: “A razão, a despeito de qualquer outra coisa que possa ser, é uma relação social historicamente localizável, uma ação no mundo — um conjunto de práticas.”¹⁶ Está em jogo um exame das superfícies, à la Nietzsche, tornando-as acessíveis à discussão pública.

French Modern: Norms and Forms of the Social Environment (Francês moderno: normas e formas do ambiente social), publicado em 1989, descreve como certa racionalidade política tornou-se uma

forma de governamentalidade. “De forma ampla este livro é sobre a emergência de certas práticas de razão na França. A fim de entendê-las, eu começo com a suposição padrão da etnografia de que nós podemos analisar a razão da mesma maneira geral como lidamos com outros projetos etnográficos, isto é, um conjunto de práticas em relações complexas com uma congeneridade de símbolos. Mais especificamente, é sobre campos de saber (higiênicos, estatísticos, biológicos, geográficos, e sociais); sobre formas (arquitetônicas e urbanísticas); sobre tecnologias sociais de pacificação (disciplinadoras e de previdência social); sobre cidades como laboratórios sociais (reais, industriais, coloniais, e socialistas); sobre novos espaços sociais (espaços disciplinadores liberais, aglomerações, e novas cidades). Em cada um destes domínios, descrevo as diversas construções de normas e a procura por formas adequadas para entender e regular o que veio a ser conhecido como a sociedade moderna.”¹⁷

Desde 1990, Rabinow trabalha com a hipótese de que agora a categoria “vida” passa por uma modernização paralela àquela ocorrida com “sociedade” no século passado. Nesta investigação Rabinow dialoga com, e vai além, dos estudos sociais da ciência deslanchados por, entre outros, Thomas Kuhn, Bruno Latour e Donna Haraway. Estes estudos investigaram predominantemente práticas cotidianas nos laboratórios e evidenciaram como as grandes abstrações da “Ciência” também são produtos destas práticas locais. Rabinow entende que uma vez que tais compreensões foram incorporadas o terreno está pronto para reavaliações e tomada de novas direções. A etnografia é um passo fundamental neste processo. “Há que aproximar-se dos lugares científicos onde novas formas/eventos emergem e investigar como estas formas/eventos catalizam atores, coisas, temporalidades ou espacialidades num modo distinto de existência, uma nova montagem que faz as coisas funcionarem de maneira diferente, produzindo e instanciando novas capacidades.”

Atualmente Rabinow pesquisa as codificações e práticas de vida emergentes na produção de objetos científicos e tecnológicos e seus interconectados aparatos. Ele faz isto tendo em vista o Projeto Genoma, a indústria biotecnológica e o aparecimento da bioética e da ética ambiental. A questão etnográfica colocada por Rabinow é:

como irão mudar nossas orientações, experiências e formas sociais à medida que estes projetos avancem?

Quatro ensaios elaboram a complexidade e a contingência de tais questões: *Vida, normas e erros: o trabalho de Georges Canguilhem*¹⁸; *Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biosociabilidade*¹⁹; *Cortando os laços: fragmentação e dignidade na modernidade tardia*²⁰; e *Biotecnologia americana: fazendo a PCR*²¹.

O antropólogo confronta problemas cujas respostas não são conhecidas a priori. O modo de investigação é exploratório. Assim, também a própria ciência social formulada por Rabinow existe como um “dispositivo”, uma “constelação de objetos visíveis, afirmações formuláveis, forças em exercício, sujeitos posicionados.”²²

João Guilherme Biehl*

Notas

1. Vide Paul Rabinow, *Making PCR: A Story of Biotechnology*, Chicago, The University of Chicago Press, 1996.
2. Paul Rabinow, “Artificialidade e Ilustração: da Sociobiologia à Biosociabilidade” in *Novos Estudos do CEBRAP*, 31 (80): 81.
3. Ibidem, p. 82.
4. Paul Rabinow, “Studies in the Anthropology of Reason” in *Anthropology Today*, 8 (31): 8.
5. Vide Paul Rabinow, *French DNA: Trouble in Purgatory*, Chicago, The University of Chicago Press, 1999.
6. Paul Rabinow, “Artificialidade e Ilustração”, p. 85.
7. Paul Rabinow, *Reflections on Fieldwork in Morocco*, Berkeley: University of California Press, 1977, p. 162.
8. Paul Rabinow, “masked I go forward” in *Philosophy and Social Criticism*, 6 (2): 231.
9. Ibidem, p. 241.

* João Guilherme Biehl é doutor em antropologia pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, e trabalha como pesquisador nos departamentos de antropologia e de medicina social da Universidade de Harvard.

10. Vide Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
11. Michel Foucault, *The Use of Pleasure — The History of Sexuality, Volume Two*, New York, Vintage Books, 1986, p. 8.
12. A primeira versão da tradução deste texto ao português foi feita por Antônio C. Maia.
13. Paul Rabinow, "Representations are social facts: modernity and post-modernity in Anthropology" in James Clifford e George Marcus, *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University of California Press, 1986, p. 241.
14. Vide a entrevista de João Guilherme Biehl com Paul Rabinow, "E a natureza finalmente se tornará artificial" in *Ciência & Ambiente*, 2 (3): 76, 77.
15. Paul Rabinow, "A Modern Tour in Brazil" in Friedman e Lash, *Modernity and Identity*, Oxford, Blackwell, 1992, p. 260.
16. Paul Rabinow, "Beyond Ethnography: Anthropology as Nominalism" in *Cultural Anthropology* 3 (4): 361.
17. Paul Rabinow, *French Modern: Norms and Forms of the Social Environment*, Cambridge: MIT Press, 1989, p. x.
18. Este texto foi traduzido em parceria com Luis Guilherme Streb.
19. Este texto foi traduzido por Zarima Vargas. Revisões foram feitas pelo autor e pelo organizador desta coletânea.
20. Este texto foi traduzido por Heloisa Jahn. Revisões foram feitas pelo autor e pelo organizador desta coletânea.
21. Este texto foi traduzido em parceria com Mike Panasitti.
22. Gilles Deleuze, "Qu'est-ce que un dispositif?" in *Michel Foucault Philosophie*, Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 185.